

NHANDERU MARANGATU: O *NHANDEREKÓ*, O CORPO-TERRITÓRIO E A NOÇÃO DE BEM-VIVER

Fabio Henrique Arevalo³

INTRODUÇÃO

Este texto foi produzido a partir da visita e escuta de lideranças indígenas guarani-kaiowá durante uma das retomadas de Nhanderu Marangatu, território ancestral localizado no município de Antônio João (MS), no dia 13 de setembro de 2024, cinco dias antes do jovem Neri Kaiowa ser assassinado com um tiro na cabeça por um atirador de elite da polícia sul-matogrossense no mesmo local. Fazia parte de uma missão de direitos humanos intersetorial, composta por entidades aliadas como defensores dos direitos humanos, servidores e defensores públicos, membros do Conselho Federal de Psicologia e dos Conselhos Regionais do Paraná e do Mato Grosso do Sul, CIMI [Conselho Indigenista Missionário] e religiosos da Igreja Católica.

A partir de uma discussão com o trabalho de Sandra Benites, emerge a ideia de pensar sobre a importância do *nhanderekó* ou a prática do bem-viver para os guarani e porque não existe saúde mental sem demarcação dos territórios ancestrais. Por fim, os profissionais “psis” são convocados a pensar uma prática para além de um *setting* clínico e que esteja em conformidade com o 2º princípio fundamental do código de ética do psicólogo.⁴

³ Fabio Henrique Arevalo é indígena em retomada do povo Guarani Nhandeva do Mato Grosso do Sul. Psicólogo formado pela Universidade Estadual de Londrina, atua há 14 anos em políticas públicas. É membro da Comissão Étnico Racial e coordenador do Núcleo de Psicologia e Povos Indígenas do Conselho Regional de Psicologia do Paraná. Contato: fabioopsicoac@gmail.com.

⁴ “O psicólogo trabalhará visando promover a saúde e a qualidade de vida das pessoas e das coletividades e contribuirá para a eliminação de quaisquer formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.” CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Código de Ética Profissional do Psicólogo, 2005, p. 7. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>

A RETOMADA

“Aqui é território guarani, há sangue indígena nessa terra”. Assim somos recebidos na retomada do território Nhanderu Marangatu⁵, que há 20 anos enfrentava uma batalha judicial tão violadora quanto as batalhas no território. No dia anterior, a polícia invadiu a retomada de Nhanderu Marangatu, a pedido dos fazendeiros e com aval jurídico, e feriu gravemente três pessoas. Haviam ali na retomada cerca de 150 pessoas da comunidade, entre crianças, jovens, mulheres, idosos e lideranças. Estavam com fome e sede. Por conta da vigilância da polícia, não conseguiam acessar a água do rio mais perto que cruza o território, e o pouco de comida que tinham a polícia jogou fora e proibiu a chegada de mais alimentos.

Fomos recebidos com lágrimas e cânticos. “Não vemos a democracia na prática. Estamos sofrendo há duas décadas”, grita uma das lideranças, fazendo menção à homologação do território que esteve paralisada no Supremo Tribunal Federal (STF) pelo ministro Gilmar Mendes. No entanto, a luta daquele povo também foi marcada pelo assassinato do grande líder guarani Marçal de Souza, o Tupã-Y, há cerca de 40 anos, já indicando um alinhamento entre poder público e elite agrária nos anos 1980. O crime segue impune até hoje.

Entre pessoas feridas e traumatizadas, um pedido de socorro, porque mais uma vez o sangue se misturava à terra, as lágrimas à poeira. Uma das mulheres, alvo da violência policial no dia anterior, teve seu joelho arrebentado por um tiro calibre 12 e foi levada a Campo Grande para ter sua perna amputada. Enquanto víamos as marcas em seus corpos e atentos tentávamos acolher e registrar os relatos, a polícia se aproximava.

Estavam sedentos por sangue, queriam se vingar, alegavam que o comandante deles, “muito amigo dos indígenas”, havia levado uma flechada em conflitos anteriores e que tinham determinação judicial para praticar suas violações. Não iniciaram um massacre naquele momento porque havia ali autoridades e muitos não indígenas.

“Para mim, não existe esquerda nem direita, existe vida”, dizia uma liderança cansada de promessas de um governo que se colocou como aliado dos indígenas. “Estamos todos em sofrimento psicológico”, um professor guarani afirmava para nossa delegação. O mesmo

⁵ Nhanderu é a divindade guarani e Marangatu significa “sagrado”.

professor afirmou que “não existe educação digna sem território, os rios são nossas veias, a terra nossa mãe”.

Nesse momento, um *toré* se iniciou. Idosos, jovens e crianças começaram a cantar e dançar em roda. Contagiado por aquela alegria, me somei a eles mesmo sem saber os cantos. No entanto, pela outra entrada da retomada começou a chegar policiamento da tropa de choque, o que acabou dispersando o *toré*, a reunião, e muitos *xondaros* (guerreiros) foram ao encontro do segundo grupo de policiais. Escutamos disparos de armas.

Ouvi uma liderança gritar:

“O indígena é condenado sem direito a voz, estamos sem água, sem alimentos, mas daqui não sairemos até o último morrer.”

Nossa própria comitiva se dividiu. Ali estávamos sem acesso a internet ou telefone e precisávamos agir rápido, encaminhar nossas denúncias, provocar os equipamentos públicos na tentativa de evitar um novo massacre como o ocorrido na noite anterior. Quando estávamos nos dirigindo ao nosso carro para ir até um local que tivéssemos acesso a rede móvel, fomos interrompidos por uma menina com cerca de 9 anos de idade:

“E agora, como será?”

Engolimos o choro e não conseguimos responder. Essa pergunta nos guiou até a saída da retomada. Ficamos até o máximo que podíamos junto com os guarani-kaiowá, mas por compormos uma comitiva, a ordem era para que saíssemos do território junto com os outros representantes. Mas a pergunta dessa garota representa milhares de crianças que estão em retomadas espalhadas pelo Brasil e que aguardam uma resposta nossa, do poder público, dos brasileiros: como será?

Na saída, nos deparamos com uma força policial desproporcional: um furgão da polícia científica (desses que recolhe corpos) e muitas armas. Naquela noite, horas depois da nossa saída, mais uma vez os indígenas sofreram muita violência policial, apanharam, foram ameaçados e seus alimentos jogados no lixo. Um prenúncio do que estava por vir.

Cinco dias depois da nossa visita, o jovem Neri Kaiowá de apenas 23 anos é assassinado com um tiro de fuzil na cabeça por um sniper a 200 metros de distância, com chancela do Estado do Mato Grosso do Sul e do Judiciário. Com isso, uma mesa de conciliação é proposta pelo STF. Após 20 anos, finalmente os guarani-kaiowá são reconhecidos como legítimos donos

da terra indígena Nhanderu Marangatu. Vitória com gosto amargo, pois mesmo praticando uma agenda de extermínio no estado, os fazendeiros saem da negociação com quase 150 milhões em indenização.

O NHANDEREKÓ E O BEM-VIVER

Para Sandra Benites (2018, p.84)

O *teko porã*, o bem-viver do jeito de ser Guarani do futuro, está associado a uma forma de agir, de pensar, de se comportar e de se relacionar com os outros e com a natureza. Por isso, o território, a terra, para os Guarani, é fundamental, porque sem ele não é possível desenvolver esse ser guarani verdadeiro para o futuro, e alcançar o bem-viver.

Para as comunidades indígenas, o Bem-Viver é a própria saúde física e mental, o equilíbrio entre corpo e território; o *teko-porã*, o lugar onde se produzirá saúde, e o *Nhanderekó*, a caminhada que sintetiza o próprio modo de vida guarani, em movimento e encontros com os seus e com a natureza. E não há uma metodologia, uma técnica que ampare uma produção subjetiva saudável sem que esta respeite e considere o próprio modo de vida indígena, inseparável de seu território. De acordo com a “Nota Técnica sobre a Ação das(os) Psicólogas(os) junto aos Povos Indígenas” (2024), é necessário que haja uma relação horizontal entre a categoria psi e a população originária, no sentido de convocar-nos para implicações que extrapolem nossa herança teórica e de nos convidar para uma reflexão sobre o que fazemos, enquanto psicólogas(os), para redescobrir e respeitar a diversidade cosmogônica que convive no país.

Sandra (2018, p.83) continua:

Quando os Guarani não conseguem seu “bem-viver”, as pessoas ficam em estado de *pyareta*, confusas, *py'a kangy*, fragilizadas para *ojepota*, se encantar por qualquer coisa. O espírito fica desequilibrado. Aí o Guarani vira um *nbemyrô*, uma pessoa desiludida, sem perspectiva nenhuma, então muitas vezes acaba cometendo suicídio também, não estou falando apenas das mulheres, os homens também se suicidam, como ocorreu e ainda ocorre em Mato Grosso do Sul. Na grande maioria, são meninos e meninas.

Apesar de não ser o objetivo deste texto trazer os dados e elencar as produções sobre suicídio indígena no Brasil, destaco que, enquanto a média de suicídio entre a população geral

brasileira é 6,35 mortes por 100 mil habitantes, entre indígenas a taxa é de 17,57 mortes, ou seja, mais do que o dobro.⁶

Sandra denuncia (2018, p.84):

O *juruiá* (branco), com suas atitudes e políticas, não só tira a terra, mas também a possibilidade da harmonia e de alcançar o *Nhanderowai*, o destino do povo Guarani. Essa violência é a responsável maior pela saúde emocional dos Guarani no Mato Grosso do Sul, que enfrentam mais dificuldades por falta de acesso aos elementos principais que contribuem para o fortalecimento da identidade guarani, que são os pilares principais para a construção das identidades culturais guarani dentro do que acreditam ser o *nhandereko ete'i* (nosso jeito de viver verdadeiro), como já mencionei. Rios, matas, terra boa são fundamentais para “viver bem” (*teko porã rã*). Hoje, os Guarani das gerações mais novas precisam se auto-declarar fortemente para dar continuidade ao modo de ser guarani. Problemas decorrentes da tristeza na pessoa guarani, problemas emocionais da pessoa guarani, estão relacionados também aos impactos ambientais nas aldeias (*tekoã*).

Dessa forma, trago mais uma vez a Nota Técnica (2024) para convidar a categoria a refletir sobre quais ações e de que modo podemos contribuir para uma construção de uma psicologia que se implique com o sofrimento da população indígena, que se esforce para se somar ao coro por justiça, por demarcação de território e por respeito às diversas pluralidades e cosmovisões que produzem saúde, para além das tão consolidadas psicologias europeias.

Em tempos em que a diversidade indígena tem sido tão celebrada, seja na arte, como nos desenhos de Denilson Baniwa e Daiara Tukano, na filosofia, com os ensaios de Ailton Krenak, na política, com Sonia Guajajara, na literatura, com Trudruá Dorrico e Geni Núñez, convocamos as(os) leitores que nos ajudem a segurar o céu, como nos convoca Davi Kopenawa. E existem diversas formas de segurar o céu e adiar o fim do mundo.

Termino este breve relato deixando um convite para que me ajudem a responder à pergunta daquela garotinha de Nhanderu Marangatu:

“E agora, como será?”

⁶ Para aqueles que tiverem interesse, a revista Lancet publicou em 2023 o resultado de uma parceria entre a Fiocruz e a Universidade de Harvard sobre o tema e os resultados são alarmantes. Disponível em: <https://cidacs.bahia.fiocruz.br/2023/10/03/taxa-de-suicidio-entre-indigenas-e-mais-que-o-dobro-da-populacao-brasileira-afirma-estudo/>



Recebido em: 07/10/2024

Aceito em: 16/10/2024